

Remix Ensemble

Casa da Música

ruído vermelho

Francesco Dillon violoncelo
Nuno Aroso percussão Baschet
Luís Antunes Pena eletrónica

Tito Ceccherini direção musical
Romeu Costa saxofone soprano
Digitópia eletrónica

12 mar 2024 · 19:30 Sala Suggia

PORTUGAL 2024



casa da música

APOIO



ernst von siemens
music foundation



Entrevista ao maestro Tito Ceccherini

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

reseo
RESEMIÓTIKA
RESEMIÓTIKA
RESEMIÓTIKA

REMA
RESEMIÓTIKA
RESEMIÓTIKA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

1ª PARTE

Franco Donatoni

Hot, para saxofone soprano e seis instrumentistas (1989; c.14min)

Luís Antunes Pena

O Manual de Instruções da Memória, para violoncelo, percussão Baschet, eletrónica e ensemble (2021; c.25min)*

1. Joint Optimum —
2. Physical Modeling —
3. Cànone I —
4. Narciso e a decadência da beleza —
5. Improvisação sobre o n.º 4 —
6. Amplificando o Humano —
7. Pecking Chickens —
8. Improvisação sobre eletricidade e ruído —
9. Cànone II —
10. Improvisação sobre o n.º 9 —
11. Vermalung VI — Western Music —
12. Improvisação sobre n.º 11

2ª PARTE

Federico Gardella

Improvvisi silenzi di conchiglia, para ensemble (2016; c.10min)**

Thomas Adès

Living Toys, para ensemble (1993; 17min)

1. Angels —
2. Aurochs —
 - BALETT —
3. Militiamen —
4. H.A.L.'s Death —
 - BATTLE —
5. Playing Funerals —
 - TABLET —

* Estreia em Portugal; encomenda Casa da Música e Acht Brücken/Köln Musik.

** Estreia em Portugal.

Franco Donatoni

VERONA, 1927 – MILÃO, 2000

Hot, para saxofone soprano e seis instrumentistas

A obra de Franco Donatoni destaca-se na contemporaneidade italiana do final do século XX e do início do século XXI. O compositor italiano estudou em Milão, Bolonha e Roma. O encontro com Bruno Maderna, em 1953, transformou o seu percurso: Maderna incentivou-o a frequentar os Cursos de Verão de Darmstadt, onde as vanguardas europeias descobriam o serialismo de Webern (ampliando-o a elementos além das alturas do som), o indeterminismo (associado a John Cage) e novos meios eletrônicos de criação musical. Assim, o serialismo múltiplo marcou a sua produção, que seguiu um caminho pouco ortodoxo nas décadas seguintes.

Hot revela a influência do instrumentário associado ao jazz e da improvisação na música de Donatoni. Composta em 1989, a pedido da Associação de Saxofonistas de França, foi estreada a 17 de novembro desse ano. Os protagonistas desse evento foram o saxofonista virtuoso Daniel Kientzy, dedicatário da peça, e o ensemble 2e2m, dirigidos por Paul Méfano. Kientzy é uma referência do saxofone contemporâneo, tendo contribuído para desenvolver uma abordagem experimentalista ao instrumento.

Hot caracteriza-se pela recriação da inventividade do jazz e da improvisação, numa perspetiva de liberdade vanguardista. A transmutação dos materiais basilares e a repetição de padrões definem a obra. Escrita para um agrupamento aproximado a um conjunto de jazz, a obra começa numa atmosfera misteriosa, com o que seria a secção rítmica: o piano, o contrabaixo e a percussão. As

figuras sincopadas e esparsas associam-se a *ostinati* assimétricos, estilizando o *swing*. A sobreposição de elementos e as pontuações dos sopros com surdina e da percussão antecipam a entrada do solista, interpretando uma melodia ondulante. O virtuosismo emerge em passagens de grande complexidade rítmica e irregularidade. A justaposição de motivos na interação entre solista e alguns instrumentistas do agrupamento leva à aceleração e adensamento da textura, que regressa, repentinamente, à atmosfera inicial. O solista dedica-se à exploração dos vários registos com motivos angulares, levando a uma mudança abrupta para um episódio em uníssonos microtonais que estilizam as *blue notes* do jazz. Um *crescendo*, em que sobressai a percussão e o trombone, cede espaço a um momento percussivo do piano com acompanhamento dos membranofones. Nele, uma textura leve e pontilhista com piano e vibrafone cria uma sensação de busca. Seguidamente, sobrepõe-se o saxofonista, que apresenta notas isoladas sobre figurações descendentes do piano. Uma cadência solista, pontuada pelo agrupamento e conferindo protagonismo à percussão e aos *portamenti* dos aerofones, gera uma dinâmica crescente, que intensifica a tensão de *Hot* até um final explosivo e dissonante.

JOÃO SILVA, 2024

Luís Antunes Pena

LISBOA, 1973

Luís Antunes Pena, compositor de música instrumental e eletrónica, mudou-se para a Alemanha em 1999 e estabeleceu-se na cidade de Colónia. A sua música revela uma preocupação crescente com o que designou de *Consciência da Incerteza*: a incorporação de métodos que promovem a ambiguidade na composição e a incorporação das várias manifestações do ruído no processo criativo. Estudou composição em Portugal com Evgueni Zoudilkine, Christopher Bochmann e António Pinho Vargas, e na Alemanha com Nicolaus A. Huber e Dirk Reith. Recebeu ainda importantes impulsos de Gérard Grisey no IRCAM e de Emmanuel Nunes na Fundação Calouste Gulbenkian. Ainda durante os estudos em Portugal, o seu interesse pela divulgação e vivência da música atual levou-o a criar, em conjunto com Diana Ferreira e João Miguel Pais, o festival internacional de música contemporânea Jornadas Nova Música — Aveiro (1997-2001).

As suas obras têm sido encomendadas por instituições como o Donaueschinger Musiktag, a Fundação Calouste Gulbenkian, o ZKM | Karlsruhe, a Philharmonie Essen, a Deutscher Musikrat, a Deutschlandfunk, o Ministério dos Negócios Estrangeiros Alemão, os ensembles Inverspace e Asamisimasa, os festivais Acht Brücken, Kasseler Musiktag e Miso Music, a Christoph Delz Foundation, a Kunststation Sankt Peter Köln, a Kulturstiftung Cottbus, a WDR e a SWR, entre outras.

Trabalhou com os ensembles Mosaik (Berlim), hand werk (Colónia), Musikfabrik (Colónia), asamisimasa (Oslo), Drumming GP e Remix Ensemble (Porto), Inverspace (Basileia), Nadar (Antuérpia), Ars ad hoc (Aveiro) e GMCL (Lisboa), e fundou o trio 'ruído vermelho' com Nuno

Aroso e Francesco Dillon. É membro fundador do quarteto de sintetizadores MONOPASS.

A sua música está documentada em dois discos autobiográficos publicados pela editora Wergo (*Caffeine*, 2016; e *Terrains Vagues*, 2013). Ensina composição e música eletrónica na Hochschule für Musik Karlsruhe, Zürcher Hochschule für Musik e Universidade das Artes Folkwang.

O Manual de Instruções da Memória, para violoncelo, percussão Baschet, eletrónica e ensemble

O título da obra estabelece uma ligação com o romance *La Vie mode d'emploi* (*A Vida, Modo de Usar*), do escritor francês George Perec, publicado em 1978. Nele, as diferentes histórias relacionam-se umas com as outras tal como as peças de um puzzle.

O Manual de Instruções da Memória (*Das Gedächtnis Gebrauchsanweisung*) segue a ideia formal do romance de Perec. É constituído por 12 pequenas secções, cada uma delas contendo um discurso musical fechado em si mesmo e simultaneamente aberto a uma possível continuação. Aquilo que une todas as secções, por mais díspares que possam parecer entre si, por mais contrastantes ou até mesmo contraditórias no estilo, são os diferentes graus de aproximação ou distanciamento a uma experiência auditiva, a uma obra musical já existente.

Há várias formas de criar relações entre as secções. Uma delas, usada frequentemente, é o uso de gravações áudio (*sample*) e a sua imitação instrumental: o *sample* recria uma experiência auditiva e é, por sua vez, reinterpretado através dos instrumentos acústicos. Ou o oposto, o *sample* imita aquilo que os instrumentos reproduziram. Pela natureza do próprio

processo, e devido ao uso de meios diversos, toda a imitação é, neste caso, uma transformação — que põe em evidência a impossibilidade da imitação. E, por isso, a imitação e a transformação são dois elementos essenciais na criação de forma e nas estratégias de relacionamento entre as diferentes secções.

A improvisação, que apela de modo muito particular à memória, é talvez a forma de transformação mais humana e pessoal que possa existir. No fundo, qualquer tentativa de reprodução de uma realidade através da memória é simultaneamente uma forma de transformação ultrapessoal, pois envolve não só a imanente transformação de toda a tentativa de imitação, como também o estado anímico, as emoções ou os sentimentos. *O Manual de Instruções da Memória* é um apelo ao uso da memória como meio de apreensão do todo.

Tendo sido esta obra inteiramente criada durante a pandemia, não poderia também deixar de incorporar as angústias, hesitações e esperanças que nos acompanharam a todos. É, talvez devido a esse facto, uma das obras mais pessoais que terei feito até hoje.

LUÍS ANTUNES PENA, 2021

O mundo sonoro de Baschet

Artistas e investigadores, os irmãos Baschet criaram formas visuais marcantes determinadas pelo som. Combinaram artes visuais, cinema, interpretação, poesia, música, arquitetura, educação e terapia, com um trabalho fortemente inspirado na função social da arte. A procura de novos sons levou-os a debruçarem-se sobre diferentes materiais, transformando folhas de metal em formas geométricas: algumas têm poucos centímetros, outras são estruturas com vários metros de altura, com sons complexos e impressionantes.

Bernard Baschet (1917-2015) era um engenheiro, empresário, filósofo, designer e investigador. Decidiu dedicar-se à criação de instrumentos cativado pelo potencial dos sons inventados pelo irmão, François Baschet (1920-2014), um artista de cabaré, inventor, escritor, escultor, especialista em acústica e designer.

Em 1957 fizeram o primeiro concerto, em Paris, a que se seguiram digressões e reconhecimento internacional. Em 1959, o cineasta Jean Cocteau convidou-os para fazerem a primeira de muitas bandas sonoras. Nas décadas seguintes, o seu trabalho conheceu novos capítulos: esculturas expostas em Paris, Nova Iorque e Osaka, e sempre convidando o público a interagir; monumentos como torres de relógios, fontes e sinos para escolas, numa lógica de arte acessível para todos; e a vertente educativa, que se tornou uma das suas maiores heranças.

A percussão Baschet é um instrumento único, no sentido mais literal: não há dois iguais no mundo. Aquele que se ouve neste concerto foi construído com peças metálicas e é tocado com baquetas, tendo sido especialmente encomendado para a obra de Luís Antunes Pena.¹

¹ Cf. <https://baschet.org>

Federico Gardella

MILÃO, 1979

Improvvisi silenzi di conchiglia, para ensemble

Federico Gardella é um compositor e professor de carreira consolidada, e uma das vozes mais originais da música italiana do século XXI. Nasceu em Milão, estudou piano e composição no conservatório dessa cidade. Posteriormente, aprofundou a formação na Academia de Santa Cecília, em Roma, e na Accademia Musicale Chigiana di Siena, sob a direção de Azio Corghi. Gardella mantém uma relação profunda com agrupamentos de música de câmara dos nossos dias e *Improvvisi silenzi di conchiglia* resulta de uma parceria com o milanês Divertimento Ensemble. Dedicada ao pianista e compositor Riccardo Panfili, a obra foi terminada em 2016 e estreada a 20 de abril desse ano, pelo Divertimento Ensemble, dirigido por Michele Gamba. Hoje, é estreada em Portugal.

Nela, Gardella explora o silêncio e a ressonância, usando como metáfora os sons ouvidos numa concha (*conchiglia*, em italiano). Emprega efeitos como trilos com harmônicos e a preparação de cordas graves do piano para suprimir vibrações. Assim, cria proximidade e distância, simulando presença e ausência através dos materiais sonoros. Numa textura aparentemente informe, emergem células de *Davidsbündlertänze*, obra para piano escrita por Robert Schumann. A alternância entre som e silêncio é um traço marcante em *Improvvisi silenzi di conchiglia*, peça que começa com um gesto musical intenso, seguido de um portamento descendente. Após uma pausa, ouvem-se células isoladas no registo grave do piano, pontuadas pela percussão. Esse momento inicial é repetido várias vezes, com a sobreposição de

elementos dissonantes pelos instrumentos de sopro. O piano alterna figurações com o agrupamento, explorando variações de timbre e ressonância, em que os parciais harmônicos sobressaem. Seguem-se vários *crescendi* na mesma nota, às quais se sucedem motivos angulares. O timbre brilhante dos aerofones associados aos instrumentos de percussão de metal domina uma curta secção. Uma passagem de notas curtas e intensas seguidas dos *portamenti* repete-se, retomando a atmosfera inicial e conduzindo a obra ao fim.

Thomas Adès

LONDRES, 1971

Living Toys, para ensemble

Living Toys é uma das primeiras obras de Thomas Adès, figura ímpar da música dos dias de hoje. Escrita em 1993 e resultante de uma encomenda do Arts Council of Great Britain, foi destinada à London Sinfonietta e estreada por esse agrupamento, dirigido por Oliver Knussen, no Barbican Hall, a 11 de fevereiro de 1994.

A obra ilustra um texto inventado por Adès e atribuído por este a um autor anónimo espanhol. O texto é: “Quando os homens lhe perguntaram o que queria ser, a criança não nomeou nenhuma ocupação destes, como eles teriam esperado, mas respondeu: ‘Eu serei um herói, e dançarei com anjos e touros, e lutarei com touros e soldados, e morrerei um herói no espaço sideral, e serei enterrado como um herói.’ Vendo-o ali, os homens sentiram-se pequenos, percebendo que eles não eram heróis e que as suas vidas eram menos substanciais que os sonhos que rodeavam a criança como brinquedos.” Essa associação é reforçada pelo uso da gravura *Ligereza y atrevimiento de Juanito*

Apiñani en la de Madrid, de Francisco Goya, na capa da partitura. Nessa água forte, produzida entre 1814 e 1816, um jovem desvia-se, acrobaticamente, de um touro na arena usando uma vara. Dessa forma, Adès guia-nos numa viagem pelos sonhos da criança através de uma obra de câmara dividida em várias secções.

Living Toys começa com “Angels”, uma secção marcada pelos solos de trompa. O *crescendo* abrupto e as figurações ascendentes são pontuados pelas pancadas regulares dos gongos. A lenta melodia interpretada pelo trompista inclui pequenas oscilações de frequência e contrasta com os motivos e células movimentadas, apresentadas pelo agrupamento. A repetição desses elementos conduz a uma mudança repentina, marcada pela agitação, que aprofunda e contrai um campo sonoro em permanente transformação. Uma marcha estilizada e centrada nos graves dá início a “Aurochs”, os bovinos selvagens que habitaram a Europa. As notas repetidas e os ritmos pontuados reforçam a primazia do ritmo neste episódio, que enfatiza o virtuosismo brilhante dos aerofones de bocal. Uma atmosfera de banda sonora permeia a secção, dominada pelos sopros e percussão, particularmente as castanholas e o trompete. Assim, evoca o texto inicial e a gravura de Goya. A sobreposição de elementos assimétricos a uma melodia *cantabile*, associada ao herói, sublinha uma transformação abrupta que conduz a “BALETT”. As secções “BALETT”, “BATTLE” e “TABLET”, cujos títulos são anagramas, baseiam-se na transformação dos mesmos materiais — uma sequência descendente de aglomerados sonoros. As melodias diatónicas, apresentadas numa textura esparsa, dominam “BALETT”. A regularidade da pulsação e a manipulação tímbrica conduzem a uma cadência repentina e a um interlúdio que liga a “Militiamen”. Essa secção tem

início com a caixa e o trompete, reforçando a associação militar do título. Nela, uma marcha é, progressivamente, transformada por desfasamentos de materiais e pela polirritmia num contexto jazzístico balançante, acompanhado por uma nota prolongada do clarinete. “H.A.L.’s Death” caracteriza-se por uma textura leve e estática em que células definidas pelo timbre emergem e submergem. O piano e os instrumentos de sopro tornam-se solistas e trocam materiais com o restante agrupamento, onde se destacam os instrumentos graves. O rufo da caixa prepara “BATTLE”, em que a aceleração progressiva e o caos sonoro se refletem em gestos ascendentes e descendentes associados a *crescendi* e *decrescendi*. As surdinas evocam efeitos jazzísticos nos aerofones, que conduzem a obra a “Playing Funerals”. A percussividade da secção, simultaneamente estática e dinâmica, sobressai. A adição de instrumentos interpretando a mesma nota reforça o *pathos* do episódio, cujos planos sonoros se sobrepõem e entrelaçam. Segue-se a atmosfera sonhadora de “TABLET”, passagem leve e dominada pelas cordas. O cromatismo descendente relaciona-se com os materiais das secções semelhantes. Um *fortissimo* súbito e repetido introduz um último episódio, marcado pelo recurso a registos extremos até à nota sustentada final.

JOÃO SILVA, 2024

Tito Ceccherini direção musical

Tito Ceccherini conquistou um lugar de destaque especialmente pelas interpretações de obras do século XX, bem como de repertório contemporâneo. Combina com competência o foco nos detalhes com o entendimento da estrutura alargada da peça — exemplo disso foi a muito aclamada direção de *Da Casa dos Mortos* de Janáček.

Na temporada 2023/24, o maestro italiano regressa à Orquestra da Toscana e dirige a estreia mundial de um Concerto para piano de Federico Gardella, além de obras de Sibelius e Nielsen com a Filarmonica Estatal Alemã de Rheinland-Pfalz (em Rockenhausen e Mannheim), Filidei e Sibelius com a Orchestra dell'Opera Carlo Felice em Génova, e uma nova ópera de Lucia Ronchetti, com a Sinfónica SWR, no Festival Schwetzingen SWR. É convidado do Remix Ensemble e da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

No domínio operático, celebrou com grande sucesso a nova produção de Jenske Mijnsen de *Diálogos das Carmelitas* na Ópera de Zurique, na primavera de 2022, depois de um primeiro convite para a sala de espetáculos, em 2019, altura em que dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti. No Teatro da Basileia, conduziu a interpretação de *La Traviata* de Verdi (encenada por Benedikt von Peter) em 2022, e esteve no ano seguinte na Ópera Estatal de Estugarda para *Katja Kabanová* de Janáček (encenação de Jossi Wieler/Sergio Morabito). Desde 2009, trabalha regularmente com o Teatro La Fenice em Veneza, onde dirigiu obras como *Dido e Eneias* de Purcell (2020), *Luci mie traditrici* de Sciarrino (2019), *Riccardo III* de Battistelli (2018, encenação de Robert Carsen, vencedor do Prémio da Crítica Franco), *Gefalo e Pocris* de Krenek (2017) e *La porta della legge*

de Sciarrino. É também presença regular na Ópera de Frankfurt (*I puritani* de Bellini, 2018; *Aus einem Totenhaus* de Janáček, 2018; e *The Rake's Progress* de Stravinski, 2017) e no Teatro do Capitólio de Toulouse (*O Rapto do Serralho* de Mozart, 2017; *Béatrice et Bénédict* de Berlioz, 2016; *O Prisioneiro* de Dallapiccola/*O Castelo do Barba Azul* de Bartók, 2015, encenação de Aurélien Bory). Na sequência da sensacional estreia mundial de *Da gelo a gelo* de Sciarrino, na edição de 2006 do Festival Schwetzingen, tem dirigido várias obras em primeira audição, entre as quais *Inferno* de Lucia Ronchetti (2021), na Ópera de Frankfurt.

Ceccherini apresenta-se frequentemente com grandes orquestras como a Philharmonia, a Filarmonica de Tóquio, a Filarmonica della Scala, a Orchestra del Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra Estable del Teatro Colón, a Sinfónica da BBC, a Filarmonica da Radio France, a Radio Filharmonisch Orkest, as orquestras das rádios de Estugarda, Colónia, Frankfurt e Turim, e muitas outras formações de relevo em Itália, Espanha e Portugal. Entre os seus parceiros regulares estão ensembles de destaque: Klangforum Wien, Ensemble Modern, Ensemble intercontemporain, Collegium Novum Zurich e Ensemble Contrechamps, entre outros.

É fundador do Ensemble Risognanze, com o qual interpreta obras-primas de música de câmara, de Debussy aos nossos dias, e com o qual já gravou vários CD. A sua extensa discografia encontra-se editada pelas etiquetas Sony, Kairos, Col legno e Stradivarius, e inclui discos premiados com o Diapason d'or, o Midem Classical Award e o Choc du Monde de la Musique.

Natural de Milão, Tito Ceccherini estudou piano, composição e direção de orquestra na sua cidade natal, no Conservatório Giuseppe Verdi, tendo depois prosseguido os estudos em São Petersburgo, Estugarda e Karlsruhe.

Romeu Costa saxofone soprano

Romeu Costa iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Aveiro e concluiu a licenciatura em Saxofone na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto. Foram-lhe atribuídos o Prémio Eng.º António de Almeida e o Prémio Rotary Club Porto-Foz, por ter sido o melhor aluno do ano 2003/04. Em 2002, obteve o 3.º prémio na modalidade de Saxofone — Nível Superior do Prémio Jovens Músicos da RDP.

A sua carreira musical tem consistido em apresentações a solo e música de câmara. Como solista, privilegia o repertório contemporâneo para saxofone, incentivando e colaborando com diversos compositores, entre eles Luís Cardoso, Chiel Meijering, Tjako van Schie, Teresa Gentil, Óscar Graça, Jeffery Davis e Paulo Bastos.

Foi membro cofundador do Quad Quartet, percorrendo a Europa em concertos onde estreou várias obras dedicadas ao quarteto, que foram editadas em dois discos: *Now Boarding* (2009) e *Fuse* (2012). Participou também em discos dos La La La Ressonance, Dear Telephone e Remix Ensemble Casa da Música. Fundou, em parceria com Menne Smallembroek, o Donar — duo de saxofones barítono e o H&X Duo (harpa e saxofone) com Beatriz Cortesão.

Além destes projetos, o saxofonista é frequentemente convidado para tocar com o Remix Ensemble e com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, trabalhando com maestros como Peter Rundel, Emilio Pomàrico, Rolf Gupta, Stefan Asbury, Jonathan Stockhammer, Baldur Brönnimann, Pedro Neves, Peter Eötvös e Heinz Holliger.

ruído vermelho

Francesco Dillon violoncelo

Nuno Aroso percussão Baschet

Luís Antunes Pena eletrónica

O trio 'ruído vermelho' é um projeto de três músicos que se aliaram depois de uma longa experiência a tocarem juntos e a ouvirem-se uns aos outros. O grupo foi criado em 2010, depois de uma residência no ZKM Karlsruhe, na Alemanha. O foco das suas iniciativas artísticas é a música contemporânea e as novas expressões sonoras. Os concertos incluem música escrita e improvisada, e envolvem — além do violoncelo, da percussão e da eletrónica em tempo real — vários outros instrumentos, tais como *granite blocks*, instrumentos analógicos e digitais, megafones e circuitos de *feedback*.

O nome 'ruído vermelho' descreve um som imaginário que não os chamados ruídos rosa ou branco. O 'ruído' é uma palavra-chave para o trio — os sons ruidosos fazem parte do seu repertório sonoro, mas são também conceitos de comunicação e de colaboração permitindo que um "fator humano" enfatizado seja uma interferência bem-vinda no processo de improvisação e criação.

O trio tem tocado em cidades como Malmö, Zurique, Aveiro, Castelo Branco, Porto, Seia, Veneza, Milão, Bamberg, Colónia, Munique e Karlsruhe, e colaborado com compositores como Philippe Kocher, Emiliano Turazzi, Carola Bauckholt e Alessandro Perini.

Digitópia eletrónica e projeção

A Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música eletrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. É constituída por uma equipa jovem mas altamente especializada e multidisciplinar. O seu âmbito de ação é bastante alargado, incluindo atividades e projetos como o desenvolvimento de *software* e *hardware*, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades, o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo, e a recolha e transmissão de concertos. Tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou cerca de 115 obras em estreia absoluta e foi dirigido por maestros de prestígio internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Enno Poppe, Jörg Widmann, Baldur Brönnimann e Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o seu primeiro maestro titular.

No plano internacional, subiu aos palcos mais importantes de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência e Ourense, incluindo os festivais Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi o primeiro ensemble português a pisar o palco da Philharmonie de Berlim (2012) e o primeiro agrupamento musical português a tocar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020). Regressou a esta sala em 2023, numa digressão com Matthias Goerne que o levou também à Philharmonie de Colónia. Em 2024, apresenta-se no festival Acht Brücken de Colónia.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür, Daniel Moreira e Jörg Widmann, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon

(Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo). Apresentou um concerto cénico sobre a *Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, com encenação de Nuno Carinhas. O projeto *Ring Saga*, com música de Wagner adaptada por J. Dove e G. Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Olga Neuwirth, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Rebecca Saunders, Justé Janulyté, Enno Poppe e Liza Lim, além de compositores portugueses de várias gerações.

Na temporada de 2024, regressa à música icónica de Emmanuel Nunes e divulga obras de Vasco Mendonça, Compositor em Residência — entre as quais um novo Concerto para violino, a estreiar pela prestigiada solista Carolin Widmann, e uma obra para voz e ensemble, com Christina Daletska. O encontro com o coletivo ‘ruído vermelho’ traz música encomendada a Luís Antunes Pena, e a celebração do 25 de Abril aborda a vanguarda de Jorge Peixinho e Emmanuel Nunes, em confronto com as novas gerações.

O Remix tem 18 discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A revista Gramophone incluiu o CD com obras de Pascal Dusapin na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Violino

Angel Gimeno
Melise Mellinger²

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

Filipa Vinhas

Clarinete

Victor J. Pereira

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Daniel Canas

Trompete

Aleš Klančar³
Luís Granjo⁴

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano

Jonathan Ayerst

Operação Técnica**Iluminação**

Bruno Mendes

Palco

Carlos Almeida
José Torres
Rui Brito

Som

António Cardoso

² 1.º violino na obra de Pena.

³ Obras de Adès e Donatoni.

⁴ Obras de Gardella e Pena.

Próximos concertos

13 QUARTA 21:00 SALA SUGGIA

Taxi

promotor: Uguru

14 QUINTA 21:00 SALA 2

Inês Marques Lucas

promotor: LadoOposto Produções

14 QUINTA 21:30 CAFÉ

Sô Gonzalo

16.03 SÁBADO 10:30 E 14:30 SALA DE ENSAIO 2

Gamelão

serviço educativo · oficinas do dia

Phillipe Martins formador

16 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Jonathan Ayerst piano

Obras de **Kaija Saariaho**, **Magnus Lindberg** e **Vasco Mendonça**

16 SÁBADO 21:30 SALA 2

Cara de Espelho

promotor: Locomotiva Azul

17 SÁBADO 12:00 SALA SUGGIA

Conservatório de Música de Barcelos

promotor: Conservatório de Música de Barcelos

17 SÁBADO 21:30 SALA 2

S. Carey — Solo with Strings Trio

promotor: Gig Club

19 TERÇA 19:30 SALA 2

Hugo Lobo Trio

novos valores do jazz

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

